



O BRANCO IMPOSTO E O NEGRO CONQUISTADO: MACHADO DE ASSIS NA PROPAGANDA DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

João Gabriel do Nascimento¹

Resumo: Este artigo analisa uma propaganda comemorativa do banco estatal Caixa Econômica Federal que traz o escritor Machado de Assis como protagonista e interpretado por um artista branco. A propaganda foi veiculada em 2011, ano que esse banco comemorava 150 anos de existência e veiculou em diversos meios de comunicação (televisão, revistas, jornais e internet) publicidades comemorativas. Diante disso, a intenção desse trabalho é fazer uma análise seguida de debate sobre os motivos que levaram a produção dessa peça publicitária, bem como, as implicações que a representação de Machado de Assis enquanto branco ocasionou na sociedade.

Palavras-Chave: Machado de Assis; propaganda; branqueamento; movimento negro.

THE IMPOSED WHITE AND CONQUERED BLACK: MACHADO DE ASSIS IN THE CAIXA ECONÔMICA FEDERAL'S PROPAGANDA

Abstract: This article analyzes a commemorative advertisement of the state bank Caixa Econômica Federal that brings the writer Machado de Assis as protagonist interpreted by a white artist. The advertisement was broadcast in 2011, a year that this bank celebrated 150 years of existence and broadcast in various media (television, magazines, newspapers and internet) commemorative advertisements. Therefore, the intention of this work is to do an analysis followed by a debate about the reasons that led to the production of this piece of advertising, as well as the implications that the representation of Machado de Assis as a white person has caused in society.

Keywords: Machado de Assis; advertising; whitening; black movement.

BLANC IMPOSÉ ET LE NOIR CONSQUIS: MACHADO DE ASSIS DANS LA PROPAGANDE DE CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Résumé: Cet article analyse une propagande commémorative du banque d'Etat Caixa Econômica Federal qui apporte l'écrivain Machado de Assis comme protagoniste et joué par un artiste blanc. La propagande a été publiée en 2011, l'année où la banque a été célèbre 150 ans d'existence et a couru dans divers médias (télévision, magazines, journaux et Internet) annonces commémoratives. Par conséquent, l'intention de ce travail est d'analyser ensuite le débat sur les raisons qui ont conduit à la production de cette pièce de la publicité, et les implications que la représentation de Machado de Assis comme blanche dans la société.

Mots-clés: Machado de Assis; la publicité; blanchiment; mouvement noir.

EL BLANCO IMPUESTO Y EL NEGRO CONQUISTADO: MACHADO DE ASSIS EN LA PROPAGANDA DE LA CAJA ECONÓMICA FEDERAL

¹ Graduação (Bacharelado e Licenciatura) e mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFU).



Resumen: Este artículo analiza una propaganda conmemorativa del banco estatal Caja Económica Federal que ha traído el escritor Machado de Assis como protagonista e interpretado por un artista blanco. La propaganda fue transmitida en 2011, año que este banco conmemoraba 150 años de existencia y vehiculó en diversos medios de comunicación (tele, revistas, periódicos e internet) publicidades conmemorativas. Frente a esto, la intención del presente trabajo es hacer un análisis seguida de debate sobre los motivos que llevaron la producción de esta cena publicitaria, bien como, las implicaciones que la presentación del Machado de Assis como blanco ha ocasionado en la sociedad.

Palabras-clave: Machado de Assis; propaganda; blanqueamiento; movimiento negro.

“Passou de branco preto é. Não existe esse negócio de mulato. Mulato pra mim é cor de mula” Tim Maia

Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis foi jornalista, romancista, poeta, cronista e teatrólogo. Nasceu e viveu na cidade do Rio de Janeiro no período de 1839 a 1908. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. É conhecido e reconhecido em diversos países e é considerado por muitos críticos literários nacionais e internacionais o maior escritor brasileiro. Machado de Assis viveu e escreveu antes e depois do fim da escravidão no Brasil.

Os anos que sucederam a abolição da escravidão no país foram marcados pela intensificação do ideal de branqueamento de sua população, uma vez que as teorias raciais que estavam em voga na segunda metade do século XIX e começo do século XX, nas quais tinham como principais teóricos: Silvio Romero (1888), Nina Rodrigues (1894) e Oliveira Viana (1938), estavam muito presentes nos discursos e ações do Estado Brasileiro.

Logo após a proclamação da república em 1889, Marechal Deodoro da Fonseca, então, chefe provisório do governo brasileiro, conduziu a promulgação de vários Decretos-Leis, sendo um desses o de número 528² que abordava especificamente sobre a regulamentação da entrada e localização de imigrantes no Brasil, por conseguinte, indivíduos de origem africana e asiática que desejassem adentrar ao país eram necessárias autorizações concedidas pelo congresso nacional para entrada e permanência. Para imigrantes de outros continentes a entrada no país era liberada.

² Ver: Brasil. *Decreto-lei nº 528*, de 28 de junho de 1890. Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1890; p. 1425.



No início do século XX, em 1921 os deputados Andrade Bezerra e Cincinato Braga, propuseram ao congresso nacional um projeto de Lei que propunha em seu artigo único, “Fica proibida no Brasil a imigração de indivíduos humanos das raças de cor preta.”³. Em outubro de 1923, outro deputado, Fidélis Reis, propôs um projeto de Lei que também tinha em um de seus artigos a restrição de entrada de imigrantes negros no Brasil, o artigo quinto almejava, “É proibida a entrada de colonos da raça preta no Brasil e, quanto ao amarelo, será ela permitida, anualmente, em número correspondente a 5% dos indivíduos existentes no país.”⁴ Esses projetos de Lei surgiram após os Estados Unidos da América (EUA) terem demonstrado interesse em adquirir terras no interior do Brasil, em Mato Grosso, com a intenção de colonizá-las com afro-americanos.⁵

Ainda na primeira metade do século XX, no ano de 1918 foi fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, que tinha dentre os objetivos a discussão de assuntos ligados ao progresso do país, a exemplo de, “problemas” relacionados à hereditariedade, condições higiênicas e sanitárias da população, bem como a composição racial do Brasil, visto que os integrantes dessa sociedade acreditavam que um dos grandes empecilhos para o progresso cultural, econômico e social do Brasil era a presença dos sujeitos negros e mestiços no país, pois esses que eram vistos como seres degenerados⁶.

Nesse contexto, em julho de 1911, o Brasil participou oficialmente como convidado (o único país da América Latina) do Primeiro Congresso Universal das Raças⁷ realizado em Londres. O médico João Baptista Lacerda, diretor do Museu Nacional, foi o escolhido para representar o Brasil no referido evento. A comunicação

³ Ver mais em Lopes, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro. 2004

⁴ Ver mais em Riccioppo, Thiago. “*Inassimiláveis ou prejudicialmente assimiláveis*”? Raça, etnia, miscigenação, imigração e trabalho na perspectiva de Fidélis Reis (1919-1934). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia - Programa de Pós-Graduação em História, Uberlândia-MG, Brasil. 2014.

⁵ Ver mais em Gomes, Tiago de Melo. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n.02, p. 307-331, 2003.

⁶ Ver mais em SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As idéias Eugênicas do Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre guerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012.

⁷ O congresso foi financiado pela Inglaterra e contou com a participação de outros países: França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Pérsia, Turquia, Egito, Japão, África do Sul, Hungria, Rússia, Haiti, Serra Leoa e Brasil.



apresentada por Lacerda no congresso teve como título “Sobre os mestiços no Brasil”,⁸ no qual apresentou aos participantes do evento a imagem de um país que era exemplo no quesito mistura de raças⁹ e que aliado à política de imigração realizada pelo Estado Brasileiro, o branqueamento da população aconteceria no decorrer do tempo, resultando assim na extinção da raça negra e conseqüentemente na modernização do país.¹⁰

Na conclusão de sua apresentação Lacerda convicto de seu diagnóstico da sociedade brasileira, profetiza que “Após um século, provavelmente, a população do Brasil será representada, na maior parte, pelos indivíduos de raça branca, latina e, ao mesmo tempo, o negro e o índio terão sem dúvida desaparecido desta parte da América” (Lacerda, 1911, p. 12).

Na primeira metade no século XX tivemos também a gestação do ideal de que o país vivia em uma democracia racial, no qual, Gilberto Freyre aponta em seu livro *Casa Grande & Senzala*, que o Brasil era um país onde as três raças (Branca, Amarela e Negra) viviam de modo harmonioso¹¹, o que sugeria a ausência de diferenças entre os sujeitos das três raças nos campos social, econômico e cultural da sociedade brasileira.

Esses e outros aspectos contribuíram para que o ideal do branqueamento permanecesse presente no cotidiano de nossa sociedade e um século após a “profecia” de João Baptista Lacerda, em 2011 o Brasil por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que 51,1% da população brasileira se autodeclararam negras no censo realizado em 2010, ou seja, a profecia não se concretizou, pois, mais da metade da população do país é composta por negros/as (pretos/as e pardos/as).

Nesses mais de cento e vinte anos após a abolição da escravatura a população negra conquistou algumas vitórias e avanços, a exemplo da promulgação da nova Constituição (no qual o artigo quinto trata racismo como crime inafiançável); da criação

⁸ Ver Lacerda, João Batista. Sur le métis au Brésil. In; Premier Congrès Universel des Races: 26-29 Juillet 1911. Paris: Imprimerie Devouge. 1911. Tradução: Tradução de Eduardo Dimitrov, Íris Morais Araújo e Rafaela de Andrade Deiab.

⁹ O conceito raça abordado neste artigo é o mesmo utilizado pelo teórico Stuart Hall, quando o mesmo afirma que “A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica.”, HALL, Stuart. A identidade cultural na pósmodernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A. 2006, pp. 63.

¹⁰ Ver mais em Schuwarcz, Lília Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil Branco. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan-mar. 2011.

¹¹ Ver mais em Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo: Global, 2007. (1933).



da Lei Federal 10.639/2003 (que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em todos os currículos escolares); da criação do Estatuto da Igualdade Racial (que prevê dentre outras ações, o incentivo a participação de sujeitos negros nos meios de comunicação) e; da instituição de reserva de vagas para negros/as em vestibulares e concursos públicos de âmbito federal.

No entanto, apesar disso é perceptível o empenho de alguns setores da sociedade brasileira que desde o final do século XIX se esforçam para camuflar ou inserir no processo de olvido personagens negras(os) que desempenharam papéis fundamentais nos cenários científico, econômico, cultural e social do país, a exemplo de Cruz e Souza, Tereza de Benguela, André Rebouças, Machado de Assis, Antonieta de Barros, Mario de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto e, tantos outros/as negros/as que tiveram seus nomes, suas conquistas, seus feitos, suas obras inseridas em um processo de esquecimento ou tiveram seus aspectos físicos transfigurados aos padrões da época, que não são muito diferentes do padrão atual, visto que devido ao ideal do branqueamento, ainda se prevalece o pensamento de que:

Quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior, eis aí uma máxima difundida, que vê no branco não só uma cor, mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, aquele que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada. (Schwarcz, 1998. p. 189)

Neste sentido, é possível dizer que no Brasil há uma parcela da sociedade da qual a indústria cultural faz parte, que é regida por esse pensamento que Schwarcz menciona bem, que pode ser resumido em uma frase: para saber ler, ser educado e ter uma posição de destaque na sociedade é necessário ser branco.

Acredito que esse foi um dos principais motivos para que em 2011, cem anos após a previsão de João Baptista Lacerda, o banco estatal Caixa Econômica Federal (CEF) em comemoração aos seus cento e cinquenta anos produzisse uma propaganda que foi veiculada em todo o país e em diversos meios de comunicação (televisão, revistas, jornais e internet), na qual trazia o escritor Machado de Assis como protagonista e interpretado por um artista branco.



O comercial foi muito bem produzido¹², a narração foi bem nítida, os detalhes de época foram bem caracterizados, todavia, um detalhe pequeno para alguns e enorme para outros atraiu a atenção, Machado de Assis foi interpretado por um ator branco. E agora? O que fazer? Alguns/as aprenderam que esse escritor era negro, outros/as foram ensinados desde pequenos que ele era branco, e ainda tem aqueles/as que nunca ouviram falar de Machado de Assis.

Constituiria essa mais uma estratégia da Indústria Cultural para escamotear os traços negróides desse escritor? Visto que, segundo Stuart Hall:

As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representa; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial. (Hall, 2002. p. 254-255)

Ou seria parte da sociedade brasileira não querendo assumir que o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras era negro? Também poderia ser apenas um erro dos produtores dessa publicidade? Ou significaria a junção de tudo isso? Essas são algumas das indagações que pretendo problematizar no decorrer deste artigo.

PUBLICIDADE, HEGEMONIA E CONTRA HEGEMONIA

A raça/cor de Machado de Assis é algo muito importante para a educação brasileira e não apenas para o Movimento Negro, pois, a representação desse escritor enquanto negro que ele era, é evidenciar que ao contrário do que “a história única”¹³ nos relata, tivemos em nossa história negros/as que se destacaram nas diversas áreas do conhecimento e, que por diversos motivos e principalmente pelo ideal de branqueamento, há uma insistência em branquear essas personalidades, ou não contar a história dessas.

A veiculação dessa propaganda pode ser considerada mais uma evidência da influência do processo de hegemonia desempenhado pelos meios de comunicação sobre a população. Pois, segundo Williams hegemonia:

¹² Ver propaganda em <http://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5I1Wk&feature=related> Acessado em 16 de outubro de 2012.

¹³ Termo utilizado com base na palestra de Chimamanda Adichie, uma escritora nigeriana. Ver vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc> Acesso em 20 de agosto de 2015.



É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. **É um sistema vivo de significados e valores – constitutivo e constituidor** – que, ao serem experimentados como práticas parecem confirmar-se reciprocamente. Grifos meus. (Williams, 1979. p. 113)

Deste modo, é fato dizer que a construção desse comercial, cujo personagem principal Machado de Assis, que é interpretado por um ator branco é uma manifestação de hegemonia da Indústria Cultural Brasileira, que aliado ao ideal de branqueamento persiste em colocar negros/as de destaque que o Brasil teve/tem em um enquadramento racial que não é fidedigno com a realidade, pois como Williams aponta, hegemonia é um processo de práticas e expectativas, e a inserção de um ator branco interpretando Machado de Assis é isso, parece complicado, mas não é. Em outras palavras isso representa o anseio de uma parte da sociedade, que influenciada por este ideário não admite que o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, o escritor de textos, nos quais há uma finura e complexidade que despertam investigações e diálogos até os dias atuais. Um literário que tem suas obras traduzidas para vários idiomas e que incitam reflexões de pesquisadores de diversas partes do mundo fosse negro, pois, para muitos é inaceitável que Machado de Assis fosse dessa cor/raça ou, quiçá mestiço.

Raymond Williams alerta também acerca do processo de constituição que a hegemonia opera, que no meu entendimento são as incorporações que o processo hegemônico faz para aumentar o seu alcance de influências e poder de decisões.

Nesse caso, foram às anexações que a Indústria Cultural fez com o intuito de inibir questionamentos de uma parcela significativa da sociedade brasileira sobre a presença de um ator branco interpretando um escritor negro em um comercial transmitido em todos os canais abertos de televisão.

Mas como toda ação há uma reação, com o processo de hegemonia não é diferente, falar em hegemonia, obrigatoriamente tem que se falar em contra hegemonia e até mesmo em hegemonia alternativa, nesse sentido, Williams argumenta que

(...) na prática a hegemonia não pode nunca ser singular. Suas estruturas internas são altamente complexas e podem ser vistas em qualquer análise concreta. Além do mais (e isso é crucial, lembrando-nos o vigor necessário do conceito), não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida, e modificada. Também sofre



uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra hegemonia e hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistentes da prática. (Williams, 1979. p. 115-116)

E no caso dessa publicidade a contra hegemonia foi marcada e caracterizada por ações do movimento negro e de outros movimentos organizados, por manifestações individuais em redes sociais, por alguns meios de comunicação e pela instituição governamental, que por meio da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) lançou uma nota oficial falando sobre o acontecido.

A CEF tem, em muitos momentos, assegurado em seus anúncios a representação da diversidade étnico-racial e de gênero. A homenagem ao poeta Oliveira Silveira no dia 20 de Novembro de 2009/2010, é um exemplo significativo de reconhecimento da contribuição cultural e literária dos afrodescendentes. No entanto, deve-se lamentar o episódio da campanha que traz Machado de Assis, um dos primeiros poupadores da Caixa, representado por um ator branco. **Uma solução publicitária de todo inadequada por contribuir para a invisibilização dos afro-brasileiros, distorcendo evidências pessoais e coletivas relevantes para a compreensão da personalidade literária de Machado de Assis, de sua obra e seu contexto histórico (...).** Grifos meus. (SEPPIR, 2012, Disponível em http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/09/nota-da-seppir-sobre-a-campanha-dos-150-anos-da-caixa-economica-federal. Acesso em 11 de outubro de 2012.)

Essa nota da SEPPIR a CEF pode ser considerada mais que uma resposta a essa publicidade, ela representa também um “manifesto” contra a invisibilização do sujeito negro e as distorções que quase sempre ocorrem quando se refere à vida e obra de personagens negras.

É necessário salientar que o posicionamento da SEPPIR é fruto de manifestações individuais e de entidades organizadas da sociedade civil, principalmente o movimento negro, conforme mencionado anteriormente. Neste sentido é possível concordar com o argumento de Williams quando o mesmo afirma que;

Pode-se argumentar de maneira persuasiva que todas, ou quase todas, as iniciativas e contribuições, mesmo quando adquirem formas manifestamente alternativas ou oposicionais, estão na prática ligadas ao hegemônico: isto é, que a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas próprias formas de contracultura. (Williams, 1979. p. 117)



A limitação imposta pela cultura dominante/hegemônica aos processos de contracultura/contra-hegemonia é um fato perceptível. Podemos constatar isso em várias publicidades, telenovelas e filmes.

Todavia, a propaganda aqui analisada não sustentou os pilares dessa limitação, a pressão da sociedade civil em consonância com o posicionamento do governo federal fez com que a Caixa Econômica Federal suspendesse a transmissão da propaganda em todos os veículos de comunicação. A CEF com intenção de se retratar com a população brasileira lançou uma nota oficial, no qual é dito:

A Caixa Econômica Federal informa que suspendeu a veiculação de sua última peça publicitária, a qual teve como personagem o escritor Machado de Assis. O banco pede desculpas a toda população e, em especial, aos movimentos ligados às causas raciais, por não ter caracterizado o escritor, que era afro-brasileiro, com a sua origem racial. (...) A Caixa nasceu com a missão de ser o banco de todos, e jamais fez distinção entre pobres, ricos, brancos, negros, índios, homens, mulheres, jovens, idosos, ou qualquer outra diferença social ou racial. (CEF, 2012, Disponível em http://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa_release.asp?codigo=6611019&tipo_noticia. Acesso em 16 de outubro de 2012.)

Além dessa nota, a CEF produziu uma nova peça publicitária¹⁴, na qual Machado de Assis é interpretado por um ator negro e no início da propaganda o artista que faz o preâmbulo também foi modificado, antes Gloria Pires, uma atriz branca, agora Ailton Graça, um ator negro.

A nota da CEF nos informa do comprometimento do banco com a diversidade racial da população brasileira. Mas, por quais motivos ela produziu ou autorizou a produção de uma propaganda que vai em direção oposta a essa filosofia? Não consigo responder os reais motivos pelos quais Machado de Assis foi interpretado por um ator branco, mas posso apontar algumas hipóteses para essa indagação.

Seguindo a linha de raciocínio defendida no começo desse artigo, continuo acreditando que inserção de um ator branco para interpretar o escritor negro Machado de Assis foi intencional, foi uma tentativa de impor à população brasileira a imagem deturpada de um escritor renomado nacional e internacionalmente, com a finalidade de revalidar, consolidar a ideia muito presente em parte do imaginário social brasileiro, de

¹⁴ Ver propaganda em http://www.youtube.com/watch?v=XX71Z_7p-As Acessado em 16 de outubro de 2012.



que a tradição da escrita, bem como da literatura, do saber institucionalizado, em síntese, de artes intelectuais está associada direta e exclusivamente a população branca.

Neste sentido, é possível concordar com Williams, quando afirma que “A tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos” (Williams. 1979. p. 118), pois a cultura dominante, devido ao pensamento de cunho racista, limitou e em alguns casos continua limitando o acesso à informação de que Machado de Assis era negro.

E para isso ser concretizado, ela utiliza de diversos meios, inclusive dos instrumentos midiáticos de enorme alcance, e a prova disso é a propaganda analisada neste artigo, afinal, temos que ter a consciência de que essa propaganda foi produzida pautada em uma tradição, “(...) uma tradição seletiva: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural.” (Williams. 1979. p. 118).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os debates em torno da cor/raça de Machado de Assis, bem como do branqueamento da população negra ainda persistirão no campo do discurso e da prática, e isso, como evidenciado nesse artigo ocorre devido às tentativas de imposição do ideal de branqueamento no imaginário social e nos diversos meios de comunicação que para além de (in)formar, modelam opiniões também.

A frase o cantor Tim Maia no começo deste artigo dialoga bem com Williams, quando o mesmo se refere a um “passado modelador”, que no caso de Machado é a transformação dele em um homem branco, é modelá-lo em um sujeito de acordo com o padrão, não apenas de inteligência, mas de beleza, educação, etc.

Sendo assim, concordo com Tim Maia, que “Passou de branco, preto é (...)”, pois é assim que vários setores da sociedade brasileira identificam quem é negro e quem não é. E o caso de Machado de Assis não é diferente, um homem negro que se destacou por sua genialidade na literatura, teve parte de sua identidade modificada para atender determinados setores da sociedade brasileira, setores esses que em pleno século XXI



ainda são pautados pelas teorias raciais do século XIX, assim como pelo ideal de branqueamento, sendo a propaganda analisada uma constatação disso.

No entanto, se há um branco imposto, há também um negro conquistado, pois, se houve uma retratação por parte desse banco, foi devido à movimentação de sujeitos e organizações da sociedade civil, em especial o Movimento Negro.

E como dito anteriormente, toda ação gera uma reação, se há hegemonia, com certeza teremos uma contra hegemonia, pode ser que não seja no modelo que almejamos, entretanto, para que haja um exército é preciso que haja um primeiro homem.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. *Estatuto da Igualdade Racial*. Brasília: SEPPPIR, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo: Global, 2007. (1933)

GOMES, Tiago de Melo. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n.02, p. 307-331, 2003.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. IN: HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte. UFMG/UNESCO. 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

LACERDA, João Batista. Sur le métis au Brésil. In; *Premier Congrès Universel des Races: 26-29 Juillet 1911*. Paris: Imprimerie Devouge. 1911. Tradução: Tradução de Eduardo Dimitrov, Íris Morais Araújo e Rafaela de Andrade Deiab.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro. 2004

RICCIOPO, Thiago. “Inassimiláveis ou prejudicialmente assimiláveis”? Raça, etnia, miscigenação, imigração e trabalho na perspectiva de Fidélis Reis (1919-1934). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia - Programa de Pós-Graduação em História, Uberlândia-MG, Brasil. 2014.

RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. (1894).

ROMERO, S. *História da Literatura Brasileira*, tomos I e II. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001. (1888)



SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil Branco. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan-mar. 2011.

SOUZA. Vanderlei Sebastião de. *As idéias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre guerras*. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012.

VIANA, O. *Raça e Assimilação*. Companhia Editora Nacional, 1938.

WILLIAMS. Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1979.

Sites

www.cef.gov.br

www.seppir.gov.br

www.youtube.com

*Recebido em junho de 2016
Aprovado em setembro de 2016*